

## AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE AVALIAR

### AUTORES

#### **PERECIN Franciéli Arrais**

Formanda do curso de Pedagogia da União das Faculdades dos Grandes Lagos-UNILAGO; fran-perecin@hotmail.com

#### **MARTINS Maria Cristina Bortolozo de Oliveira**

Mestre em Educação: Currículo – Novas Tecnologias em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). mcbortolozo@gmail.com

### RESUMO

Esta pesquisa teve como finalidade abordar a importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo relatar os diferentes conceitos sobre avaliação, refletir sobre a prática avaliativa e apontar possíveis falhas neste processo, para que possamos realizar uma avaliação mais eficaz em nossa prática pedagógica, contribuindo para uma aprendizagem de qualidade aos alunos. Este trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica, os autores mais significativos que foram utilizados como referências foram: Cipriano Luckesi (2003), Jussara Hoffmam (2004) e Phillippe Perrenoud (1999). Este embasamento teórico foi muito importante para que reforçasse a idéia do tema proposto e para que pudessemos entender a avaliação em diferentes aspectos e olhares.

### PALAVRAS - CHAVE

Avaliação. Ensino. Aprendizagem. Prática Avaliativa.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como finalidade relatar os diferentes conceitos de avaliação, refletir sobre a prática avaliativa e apontar possíveis falhas nesse processo, tendo como tema de pesquisa: Avaliação no processo de ensino-aprendizagem: Reflexões sobre a prática de avaliar. A escolha desse tema surgiu ao cursar a matéria Avaliação Educacional no 3º período do curso de Pedagogia, despertando interesse por esse assunto que é de grande importância no processo de ensino-aprendizagem.

É muito comum vermos a avaliação ser utilizada com o objetivo de classificar os alunos colocando-os no mesmo patamar de conhecimento sem respeitar as diferenças de cada um, mesmo que estudos no campo da educação já tenham provado que não se nivela os alunos em um mesmo nível de aprendizagem e que é preciso respeitar as limitações de cada aluno. (FRANCESTTO, 2020, p.1)

A forma tradicional de avaliação aplicada em muitas escolas causa danos de aprendizagem em muitos estudantes, eles se dedicam aos estudos não porque se interessam pelos conteúdos oferecidos, por achar significativo e prazeroso, mas porque estão ameaçados por uma prova (nota). Esses danos refletem na saúde mental dos alunos, causando medo, angústia, ansiedade e uma imagem do professor como torturador.

[...] o professor cria um clima de medo, tensão e ansiedade entre os alunos: faz uma pergunta a um deles, passando-a para um segundo, terceiro, quarto, e assim por diante, gerando tensão nos alunos que podem vir a ser os subsequentes na chamada. Deste modo, a classe toda fica tensa, já que cada um espera ser o próximo (LUCKESI, 2003, p. 49).

Dessa forma se utiliza da avaliação como instrumento de discriminação e dominação social colaborando com interesses próprios dos grupos dominantes que controlam o poder e, portanto, decidem como a escola deve trabalhar. A finalidade é de preparar o aluno para o mundo do trabalho, disciplinando-os para que aceitem os ritmos de realização das atividades sem questionar, favorecendo a aceitação da estrutura hierárquica.

Entretanto, para muitos pesquisadores, o verdadeiro sentido de avaliar está em diagnosticar a situação de aprendizado de cada aluno de forma continuada, para que o docente realize intervenções significativas, promovendo no estudante as condições necessárias para aquisição de novos conhecimentos, atitudes e habilidades, de maneira que a avaliação contribua para a reflexão e decisões de quais ações pedagógicas deverão ser tomadas durante o processo de ensino, constituindo-se como uma mediação pedagógica poderosa.

Nosso referencial teórico se embasará nos seguintes autores: Hoffmam (2004), Luckesi (2003), Mizukami (2001), Perrenoud, (1999) e Vasconcelos (2001).

A importância deste estudo está em sua contribuição para a formação de uma compreensão e conscientização de professores e futuros docentes, da necessidade de se rever paradigmas avaliativos arraigados, e na necessidade de se adotar uma perspectiva avaliativa que seja inclusiva e não discriminatória.

## **2. BREVE REFLEXÃO SOBRE O CONCEITO DE AVALIAÇÃO.**

### **2.1 Conceitos sobre avaliação**

Avaliar faz parte da atividade humana corriqueira, já que para tomarmos decisões em nosso cotidiano necessitamos avaliar os problemas e alternativas de solução. Ao nos debruçarmos sobre o tema “avaliação educacional”, verificamos que existem vários conceitos elaborados por estudiosos desta questão.

Dessa forma, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's- 1997, p. 58): “Avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito das suas consequências”.

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos apresenta a finalidade da avaliação:

Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos. (BRASIL, 2017, p. 17)

Os professores quando associam avaliação a provas, trabalhos e seminários, por exemplo, se referem a instrumentos que utilizamos para avaliar. É preciso ter consciência de que avaliar faz parte do processo educativo, significa analisar para apontar o que o aluno sabe, o que não sabe e o que tem que saber, identificar possíveis dificuldades, compreender como o estudante pensa, de maneira a ajudá-lo a entender a origem da hipótese que o levou a cometer o erro, este movimento é necessário para que o docente possa tomar decisões que favoreçam a superação destas hipóteses equivocadas. É preciso definir o método de avaliação que seja mais eficaz para se trabalhar na sala de aula, e por fim, selecionar o instrumento de avaliação que irá utilizar para avaliar.

De acordo com Cipriano Luckesi(2003) a avaliação deve ser diagnóstica; para Phillippe Perrenoud(1999) a avaliação deve ser formativa; Jussara Hoffmann(2004) acredita que a avaliação mediadora é o ideal e Celso Vasconcellos(2001) advoga a idéia de que a avaliação deve se realizar a partir de uma visão dialético-libertadora. Entretanto, todos os autores reprovam a avaliação somativa.

A avaliação diagnóstica tem como função avaliar o conhecimento prévio do aluno, aplicada geralmente no início do ano letivo podendo se estender durante todo o ano, com o objetivo de nortear o planejamento do professor para que saiba como trabalhar com o aluno de acordo com os pré-requisitos que o estudante já traz consigo da etapa anterior.

A avaliação diagnóstica será, com certeza, um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia, situação que lhe garantirá sempre relações de reciprocidade. (LUCKESI, 2003, p.44)

Para aplicar uma avaliação diagnóstica de matemática no Ensino Infantil, por exemplo, podemos utilizar como instrumento de avaliação uma brincadeira que seja possível observar se as crianças têm noção de espaço e tempo, já no Ensino Fundamental podemos utilizar atividades com objetos que seja possível observar o reconhecimento de números e quantidade.

A avaliação formativa deve acontecer durante todo o ano letivo, é contínua, com o intuito de investigar o desenvolvimento do processo de aquisição de conhecimento dos alunos e se estão conseguindo alcançar os objetivos esperados durante a aprendizagem. De acordo com Perrenoud (1999, p. 103): “É formativa toda avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo”.

A avaliação mediadora é baseada na aproximação do professor com o aluno, é dialógica, portanto a aprendizagem é pensada a partir da realidade social e cultural do aluno. O professor propõe situações desafiadoras na qual permite uma reflexão do problema, tornando a aprendizagem mais significativa, e o erro faz parte do processo da construção do saber, o aluno não sofre nenhuma punição por errar ou não saber responder uma questão.

Segundo Hoffmann:

Embora muito empregado no vocabulário dos professores, o sentido do acompanhamento pode não corresponder ao significado mediador do termo conforme se pretende. Ou seja, o acompanhamento do processo de construção do conhecimento deveria favorecer o desenvolvimento do estudante, oferecendo-lhe novas e desafiadoras situações de aprendizagem, novas leituras ou explicações, sugerindo investigações, enfim, proporcionando-lhe vivências enriquecedoras à tomada de consciência progressiva sobre o tema em estudo. (2004, p. 118)

Na concepção dialética-libertadora, a avaliação busca acabar com toda a relação que se tem com a classificação, para isso é preciso que os docentes se libertem do comodismo e comecem a mudar sua própria prática, refletindo e buscando novas finalidades para a avaliação. Nesta perspectiva de avaliação a aprendizagem é considerada como algo natural, pois não tem o sentimento de medo e obrigação que os alunos carregam na avaliação tradicional.

Vasconcellos questiona a prática do professor:

Que espírito deve ter o professor, diante da avaliação: do policial que fica procurando o culpado, o errado, o fora do padrão, ou o do pedagogo que acompanha o crescimento da criança, procurando dar-lhe as melhores condições de desenvolvimento? (2001, p. 44)

E em seguida afirma que: “[...] o sentido maior da avaliação é: Avaliar para que os alunos aprendam mais e melhor”. (2001, p. 47). Portanto, o significado de avaliar é diagnosticar dificuldades que os alunos apresentam para que seja possível buscar novas e melhores estratégias para que o aluno consiga aprender.

Apesar dos pesquisadores criticarem a avaliação somativa, esta é a prática corrente no interior das escolas. Considerada uma perigosa prática educativa, essa prática tem como função a classificação e acontece ao final de cada bimestre: o professor “soma os pontos” de cada instrumento de avaliação e, em geral, divide pela quantidade de atividades avaliativas realizadas naquele período, ao final do ano letivo, o docente soma as notas atribuídas a cada bimestre com o intuito de atribuir uma nota ao aluno com base nos conhecimentos estabelecidos como necessários para esse ciclo, determinando se o estudante pode ou não avançar para a nova fase de aprendizagem. Hoffmann (2004, p.22) destaca que esse “sistema classificatório é tremendamente vago no sentido de apontar as falhas do processo. Não aponta as reais dificuldades dos alunos e dos professores”.

As práticas avaliativas apresentadas nesse trabalho são uma proposta democrática de avaliação, são inclusivas, portanto, elas não conversam com a prática da avaliação somativa, ao contrário, esta prática é duramente criticada pelos autores citados por não atender a finalidade que eles acreditam ser eficiente para o processo de ensino-aprendizagem.

## **2.2 Prática avaliativa**

A avaliação é parte fundamental da didática de todos os professores, a partir dela é possível refletir e criar estratégias de ensino de acordo com as informações coletadas para que seja possível fazer um trabalho de qualidade, pensando sempre no melhor para o aluno, buscando métodos mais eficazes para suprir as necessidades e dificuldades dos estudantes e deve ser feita tanto do processo de aprendizagem do educando quanto da prática do educador para que este possa aperfeiçoar seu trabalho. É por meio do avaliar que se podem observar as hipóteses equivocadas que levaram o estudante a cometer erros, indicando ao docente que deve se debruçar sobre as mesmas com o aluno para que este supere as dificuldades encontradas, enquanto verifica se está apto para seguir para a próxima etapa de aprendizado.

Avaliamos para confirmar se os conteúdos passados estão sendo aprendidos, o erro que por muito tempo foi motivo de punição e castigo, hoje é essencial para detectarmos onde está o problema, para que a partir dele seja possível buscar novos métodos de ensino.

Em muitas escolas a avaliação realizada é a “somativa”, uma avaliação classificatória baseada em medir, julgar e classificar o conhecimento do estudante, utilizando como instrumento avaliativo testes ou provas na qual atribui um valor ao aluno segundo um parâmetro determinado pelo professor. Esta forma de avaliar é antiga e comum, mas a partir do desenvolvimento do modo de produção capitalista, é aplicada com o intuito de formar e disciplinar alunos para mercado de trabalho por meio da ameaça de reprovação e fracasso escolar, ao classificar os alunos como capazes ou incapazes, o sistema relega os indivíduos considerados incapazes a condição de mão-de-obra barata.

De acordo com Freire:

Não há ordem opressora que suporte que um dia todos os homens acordem perguntando: por quê? Por isso é necessário proibir o por quê, é necessário proibir o pensar. Por isso, a escolarização é a proibição do pensar, é a adaptação dos homens ao não pensar. (FREIRE, 1979, p.116 apud HÖFFMANN, 2004, p.18)

Portanto, a concepção autoritária atende a ordem dominante ao manter a alienação de indivíduos, que passam a crer que a vida que eles têm é a que merecem, sem questionar e lutar pelos seus direitos. Incapaz de refletir e ficam presos a essa hierarquia em que as desigualdades sociais e econômicas ficam cada vez mais profundas.

A avaliação somativa e classificatória faz parte do paradigma educacional técnico linear, de uma escola arcaica, em que a reprodução de idéias, normas e saberes é o desejado, e não o questionamento. Assim, avalia-se a capacidade de memorização dos alunos, que devem buscar apenas decorar os conteúdos para que no momento da prova possa reproduzir como máquinas exatamente aquilo que foi ensinado durante as aulas.

Vasconcellos afirma que:

O professor, de modo geral, não tem consciência de que é mais um agente desse jogo de discriminação e dominação social. Faz simplesmente aquilo que “sempre foi feito” na escola, para que, além do mais, recebeu os fundamentos na sua graduação. Não percebendo, inicialmente, a real dimensão do problema, sua procura é de **técnicas** mais apropriadas, para que, tanto ele como seus alunos, possam se sentir melhor em relação à avaliação. (2001, p.27- grifo do autor)

Desse modo, a avaliação atua de forma excludente, pois o interesse está em aprovar e reprovar, em números quantitativos, sem levar em consideração a aprendizagem pessoal de cada aluno, tornando assim a avaliação um objeto de controle e reprodução, usada também como forma de punição, hierarquização e exclusão.

O que se deve levar em consideração ao avaliar é que em todos os lugares existem diversidade, e na escola isso fica muito evidente, cada aluno tem o seu jeito, sua história, suas dificuldades, e por isso a importância de avaliar cada aluno individualmente, considerando o limite de conhecimento de cada um.

Além disso, o verdadeiro sentido de avaliar é diagnosticar as dificuldades dos alunos para que o professor consiga planejar métodos melhores para que assim o aluno tenha um aprendizado de qualidade. Como é expresso no Art 9º, Inciso VI da LDB 9394/96 sobre as incumbências da União: “Assegurar o processo nacional de avaliação do rendimento escolar no ensino fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade de ensino.” (BRASIL, 2002, p. 10)

O professor é responsável pelo rendimento escolar do aluno, portanto para que tenha um resultado de avaliação significativo é necessário que tenha conhecimento das dificuldades que cada aluno possui, assim é

possível corrigir, moldar e orientar o aluno, para que ele alcance os objetivos esperados durante sua aprendizagem, pois essa é a função do educador.

Portanto, a avaliação deve ser contínua e progressiva, usada pelo professor para refletir sobre erros e acertos dos alunos e garantir uma aprendizagem voltada para suprir as dificuldades de cada um, usando o erro como o mediador desse processo e não como um motivo para puni-los.

### **2.3 Falhas do processo da avaliação**

Cada prática avaliativa está relacionada a um paradigma educacional, a formação teórica do professor o fará optar por uma prática pedagógica e a avaliação faz parte dela. Mizukami (2001) apresenta cinco tendências pedagógicas que influenciaram a prática dos professores do ensino brasileiro durante os anos, que são: abordagem tradicional, abordagem comportamentalista, abordagem humanista, abordagem cognitivista e abordagem sócio-cultural.

Na abordagem tradicional só é possível o aluno aprender através da escola, a avaliação é considerada eficaz quando os alunos reproduzem os conteúdos da mesma forma em que os foram passados, o professor transmite informações e o aluno repete, pois só é considerado como inteligência aquele que é capaz de armazenar informações e conhecimentos com exatidão. Assim, utilizam como instrumento avaliativo provas e exames para comprovar a veracidade da reprodução.

A avaliação é realizada predominantemente visando a exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula. Mede-se, portanto, pela quantidade e exatidão de informações que se consegue reproduzir. Daí a consideração de provas, exames, chamadas orais, exercícios etc., que evidenciam a exatidão da reprodução da informação. (MIZUKAMI, 2001, p. 17)

Na abordagem comportamentalista, os objetivos estabelecidos norteiam a avaliação, verificando se o aluno aprendeu e atingiu os objetivos proposto, os alunos progredem aos poucos e no seu próprio ritmo, sem cometer erros. Nesta abordagem, a avaliação já faz parte do processo de aprendizagem fornecendo informações necessárias para que seja possível organizar os conteúdos de acordo com a necessidade de cada aluno e interesses externos, porém como na abordagem tradicional, o foco está no produto obtido.

A avaliação está diretamente ligada aos objetivos estabelecidos. Na maioria das vezes, inicia o próprio processo de aprendizagem, uma vez que se procura, através de uma pré-testagem, conhecer os comportamentos prévios, a partir dos quais serão planejadas e executadas as etapas seguintes do processo de ensino-aprendizagem. (MIZUKAMI, 2001, p. 34)

Na abordagem humanista o aluno assume o controle de sua aprendizagem, pois acreditam que somente ele é capaz de se julgar com base em critérios internos do organismo e conhecer suas próprias necessidades e experiências, portanto a abordagem humanista é baseada na auto-avaliação do aluno. “A avaliação de cada um de sua própria aprendizagem é um dos melhores meios pelo qual a aprendizagem auto-iniciada se torna aprendizagem responsável”. (ROGERS, 1972, p. 142 apud MIZUKAMI, 2001, p. 56)

Na abordagem cognitivista o conhecimento não é mensurável e sim qualitativo, os erros também são considerados como parte da aprendizagem. Nesta abordagem não há padrões a serem seguidos, a avaliação tem como objetivo verificar se o aluno adquiriu entendimento sem pressioná-lo durando o processo cognitivo. “O controle de aproveitamento deve ser apoiado em múltiplos critérios, considerando-se principalmente a assimilação e a aplicação em situações variadas”. (MIZUKAMI, 2001, p. 83)

Por fim, na abordagem sócio-cultural o que se propõe é que o ensino não se restrinja a situações formais de aprendizagem, e, portanto, a avaliação não se utiliza de provas, exames e notas, mas permite tanto ao aluno quanto ao professor conhecer suas próprias dificuldades, ou seja, é um processo de auto-avaliação de ambas as partes.

A análise presente, no entanto contrapõe-se essencialmente ao que foi denominado ensino tradicional e ao ensino decorrente da abordagem comportamentalista, principalmente pelos seus pressupostos relativos a homem, mundo, educação etc. A ciência, considerada geralmente neutra nesta última abordagem, é explicitada na abordagem sócio-cultural como um produto histórico; a educação, sempre como um ato político; o conhecimento como transformação contínua e não transmissão de conteúdos programados; a regulação da aprendizagem como tendo sempre o sujeito como centro e não a comprovação de desempenhos com normas ou critérios pré-fixados. (MIZUKAMI, 2001, p. 102)

A compreensão de tais abordagens nos facilita entender o porquê dos professores escolherem determinada postura em sua prática avaliativa. Então podemos observar que o real problema da avaliação é a formação que é fornecida aos professores e que lhes impede de compreender as escolhas didáticas que realizam.

Pelo que se depreende do que os estudiosos apresentam é que mesmo com o avanço da teoria, a abordagem tradicional ainda predomina no interior da escola, isto resulta da não compreensão da relação entre teoria e prática por parte do professor.

Como resultado, se utiliza como instrumento avaliativo provas e exames com a finalidade de verificar qual o nível de aprendizagem que o aluno adquiriu de um determinado conteúdo, atribuindo uma nota e classificando-o para aprovar ou reprovar, uma prática avaliativa seletiva e excludente, apesar de tantos programas, projetos e publicações que questionam a avaliação tecnicista.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentro desses quatro anos de estudo no curso de Pedagogia foi de suma importância realizar uma pesquisa sobre a avaliação, na qual nos possibilitou perceber sua grande importância no processo de ensino-aprendizagem, tanto para detectar possíveis dificuldades dos alunos, quanto para verificar a prática pedagógica do professor, sendo possível fazer modificações em seu trabalho para um resultado mais significativo.

Vimos que existem muitos estudiosos que acreditam na eficácia de determinados métodos avaliativos, porém muitos deles criticam a prática que faz o uso da avaliação somativa, que consiste em medir e classificar os alunos, sendo o método mais utilizado nas escolas.

Ao abordar a prática de avaliar nas escolas, percebemos que profissionais da educação se esquecem do real significado de avaliação, apenas seguindo um parâmetro estabelecido pelo sistema de ensino, porém há uma grande necessidade de uma discussão entre os docentes para que seja possível resolver da melhor forma possível o problema que tanto aflige os alunos quando se trata de avaliação e notas.

Esta pesquisa nos possibilitou conhecermos os diferentes conceitos de avaliação e a prática de avaliar em diferentes olhares e crenças dos profissionais de educação, como também os motivos que os levam a escolher tal postura pedagógica perante o avaliar.

Ao discutir sobre a avaliação destaca-se a importância da reflexão sobre a prática pedagógica, portanto concluímos que avaliar é o ato de analisar, observar, diagnosticar, investigar e principalmente tomar decisões para contribuir para uma melhoria na prática pedagógica, buscando soluções para problemas encontrados, e que isso

só é possível se o docente se apoiar na teoria, estudando séria e profundamente os aportes que orientam a prática avaliativa de qualidade.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 14 out. 2020.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL (SEF). Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 23 jul. 2020.

FRANCESTTO, C. P. **Avaliação Educacional: Conflitos a serem superados**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/avaliacao-educacional-conflitos-serem-superados.htm>. Acesso em: 4 mai. 2020.

HOFFMAM, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: Uma prática em Construção da Pré-Escola à Universidade**. 22. ed. Porto Alegre: educação & realidade, 2004.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 2001.

PERRENOUD, Phillippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. 13.ed. São Paulo: Libertad, 2001.